

ÉTICA E CORRUPÇÃO NO MUNDO CONTEMPORÂNEO: TEM SOLUÇÃO

ESSE FOI O TEMA QUE O ESCRITOR, HISTORIADOR E PROFESSOR DA UNICAMP, **LEANDRO KARNAL**, ABORDOU NO CONGRESSO DA FNQ. PARA ELE, SE É VERDADE QUE A CORRUPÇÃO É HISTÓRICA E ENDÊMICA, A PREOCUPAÇÃO SOCIAL COM ELA É RECENTE. A SOCIEDADE ESTÁ MAIS ATENTA E VIGILANTE COM OS DESLIZES ÉTICOS DOS POLÍTICOS E DO MUNDO CORPORATIVO. MAS KARNAL ADVERTIU: “NÃO PODEMOS CONFUNDIR O GOVERNO BRASILEIRO COM O BRASIL. O QUE ESTÁ EM CRISE É O MODELO DE GESTÃO, NÃO A IDEIA DE PÁTRIA”.

O professor, escritor e historiador Leandro Karnal, em palestra no CEG 2017



TRABALHO DEFINE ÉTICA

Leandro Karnal, escritor, historiador e professor da Unicamp, realizou a palestra principal do CEG 2017, com uma reflexão sobre a ética e a corrupção no Brasil e no mundo contemporâneo. Ele saudou a oportunidade de falar para o público da FNQ, formado por representantes dos setores empresarial e da gestão pública, e demonstrou otimismo em ver o Brasil sensibilizado pelo tema da ética. “Se é verdade que a corrupção é histórica, endêmica e estrutural no País, a preocupação social com seus efeitos é recente. Estávamos acostumados a tolerar os desvios dentro de determinados padrões.”

O historiador lembrou que, se a crise econômica atual é grave, já sobrevivemos a outras no País. “O que nos abala neste momento é a crise política”, assinalou. Crise, no seu entender, é um termo passageiro, emprestado da medicina hipocrática, que nos obriga a repensar as estruturas políticas e sociais, rever o pacto que mantínhamos e dar o melhor de cada um. “Se não fosse a crise política, é bem provável que já teríamos superado a turbulência econômica”, afirmou.

Independentemente do contexto, Karnal ironizou e lembrou que, “apesar dos administradores insanos”,

as instituições continuam funcionando e isso se deve aos brasileiros, “como nós, que levantamos cedo todos os dias para cumprir nossos deveres”. E não há como paralisar diante da crise, pois embora toda mudança exija uma dose de pessimismo, a fim de nos trazer à realidade e considerar os riscos, é preciso ser otimista para trabalhar e resolver os problemas.

Desgostoso com a qualidade das lideranças políticas, o professor não vislumbra boas opções no horizonte das eleições de 2018, recomendando a busca pela renovação em nossas escolhas. Porém, advertiu: “nunca devemos confundir o governo ou os políticos com o Brasil. O que está em crise é o modelo de gestão, e não a ideia de pátria e o afeto que temos a esta terra”.

Karnal pontuou que não aprova o nacionalismo provocador de guerras ou que acredita na existência de povos superiores a outros. “Mas sou brasileiro e precisamos recuperar o nosso País. É terrível ter, pela primeira vez na história, um presidente da República processado por corrupção.” Segundo ele, o esvaziamento da esperança e o baixo nível de confiança no Congresso brasileiro são péssimos para todos, porque a política é a solução do problema.



Leandro Karnal e Marcos Bardagi, gerente da FNQ, em sessão de perguntas do público ao historiador

“E a política depende naturalmente da comunicação. No entanto, ninguém ouve mais ninguém. O atual isolamento, estimulado pelo uso dos meios eletrônicos e redes sociais, é muito perigoso na medida em que o individualismo nos faz crer que somos consciências autônomas. Mas somos animais políticos, vivemos em grupo e precisamos achar uma solução coletiva e com diálogo.”

A FORÇA DA ÉTICA

Ao definir a ética, Karnal citou Aristóteles, em *Ética a Nicômaco*, destacando que esta foi a única obra que o filósofo grego dedicou a alguém, o próprio filho, mostrando que a ética é um legado, adquirida pelo hábito, ou seja, não nasce conosco. A partir desse raciocínio, o filósofo grego afirma que crianças são naturalmente aéticas e que a definição da falta de ética é a não percepção do outro. “Cabe à sociedade, aos pais, professores e educadores irem mostrando àquele bebê que ele não está sozinho

no mundo”, defendeu o historiador. No momento em que entendemos que a ética impõe limites às pessoas surge a ideia de justiça, que inclui em sua imagem o equilíbrio entre os valores e as regras (a balança) e a força da punição (a espada).

Excessos e faltas, argumentou Karnal, podem dar o limite da virtude ou da covardia. Por isso, temos de achar o grau justo da coragem. Não somos perfeitos, mas perfectíveis, ou seja, podemos ser moldados. “Toda mentira e todo vício nos comprometem e limitam a nossa liberdade. Fazem parte da livre escolha, mas não são éticos. Outra característica da ética é a inclusão do ‘eu’ na responsabilização. Ética não consiste em estar sempre certo, e sim em identificar e assumir responsabilidades pelos erros e corrigi-los”, ensinou o professor.

Para Karnal, uma vida sem ética apenas multiplica os problemas. “Como costume dizer a um aluno que cola: o tempo que você levou produzindo o malfeito, poderia ter lido o texto. Não é mais fácil seguir o caminho reto, dizer

a verdade, não trair, não esconder as coisas, do que ficar enredando e mentindo?” E o historiador emendou: “Está na hora de resgatar a noção de trabalho e esforço no País. Entender que ‘sorte e jeito’ são os nomes que o preguiçoso dá ao esforço que ele não faz. Trabalho define ética. Emprego é o que fazemos para ganhar dinheiro. Trabalho nos insere e nos torna socialmente relevantes, dá sentido à nossa existência.”

Karnal também creditou em nossa crise ética a falta de transmissão de valores consolidados no ambiente familiar e educacional. Quando entendemos que família e trabalho — coisas tão antigas — são valores fundamentais, estabelecemos um legado para as novas gerações. “Ao contrário, quando, ao lado de um filho, avançamos um sinal vermelho ou paramos em cima da faixa de pedestre, estamos formando um motorista que escola nenhuma vai remoldar.”

Alinhado ao tema, Karnal observou que o trânsito é um interessante termômetro da ética nas sociedades. “Em todos os países éticos e transparentes, o trânsito é civilizado. Nos mais corruptos, é agressivo, misógino e homofóbico. Em nenhum país do mundo evitamos o deslize ético e a violência, mas eles precisam ser tópicos, não estruturais. Infelizmente, a democracia e o estado de direito não se traduzem literalmente com a melhoria ética nas pessoas, mas são uma condição fundamental para isso”, opinou.

No caso brasileiro, Karnal referiu-se aos 388 anos de escravidão como originários da cultura de que a república e a igualdade não são para todos. “A tradição escravista aviltou a teoria do trabalho e também um pouco da noção republicana de isonomia. Mas não é bem assim. Quanto maior o cargo, mais eu sirvo. Grandes titulações significam mais responsabilidades e pessoas para cuidar. Autoridade é quando exerço uma função que protege o grupo. Autoritarismo é quando faço coisas que me beneficiam”, diferenciou.

Ainda analisando o perfil do brasileiro, Karnal apontou o nosso caráter passional, evocando o conceito de “homem cordial”, do historiador **Sérgio Buarque de Holanda**, e a nossa dificuldade em diferenciar o público do privado. O palestrante fez,

então, a distinção entre ética e etiqueta — que não é saber usar os talheres na mesa. “Etiqueta é entender que não estou sozinho. É o que multiplica as frases: por favor, com licença, muito obrigado, me desculpe. É quando respeito uma pessoa como ser humano e não pela função.”

Para mudar paradigmas nesta crise ética, Karnal apontou para a resignificação da política, em um trabalho diário, constante e consistente. “Ética é *bonsai*, não é agronegócio”. Como solução imediata, recomendou o desenvolvimento de um consenso social sobre regras e valores, justos e democráticos, campanhas educativas e o aumento da coerção para punir eventuais infratores.

ÉTICA É SUSTENTABILIDADE

No processo em curso, com o Brasil inteiro discutindo a ética, o professor foi enfático ao dizer que o tema dentro das organizações não é mais uma questão filosófica, e sim um item de sustentabilidade e sobrevivência. “Empresas que investiram apenas em resultados e não tiveram cuidado com seus públicos, meios e recursos, hoje lutam para permanecer no mercado. Sem ética, os desvios comprometem o grupo todo — lembrando que corrupção não tem partido, é suprapartidária e ambidestra. Estamos mudando e, pela primeira vez, temos um milionário branco preso. A luta, portanto, é para reocupar o nosso espaço e garantir os avanços conquistados.”

Na conclusão da palestra, Karnal questionou o público: “querem saber o risco de não acreditar nesses valores?” E exemplificou com a Síria, “onde há um governo ditatorial e criminoso, uma oposição criminosa e o Estado Islâmico, que consegue ser pior do que os outros dois. O preço da falta de valores na Síria é o de tornar a arma o único argumento, o da guerra civil, de uma população inteira se atirando no mar para fugir da barbárie. O risco do colapso ético vem do exemplo da Síria e, mais recentemente, da Venezuela. Ou seja, corrupção não é desagradável, ela é fatal e destrói a vida humana. Não sei se vamos melhorar, mas nunca estivemos tão perto da cura como estamos hoje”.

CONTROLE E PUNIÇÃO

LEIA, A SEGUIR, ENTREVISTA COM O HISTORIADOR LEANDRO KARNAL.



Excelência em Gestão: A corrupção tem sido tema recorrente no Brasil e no mundo. Ela aumentou ou temos ferramentas tecnológicas e de controle mais eficazes para trazê-la à luz e combatê-la?

Leandro Karnal: O Brasil está mais rico do que há 60 anos. Os valores aumentaram sim, a prática continua a mesma. Temos hoje mais transparência em muitas coisas e isso dificulta a ação dos corruptos. Porém, a tecnologia também facilita acesso a recursos com boas e más intenções. Sempre houve corrupção.

EG: O senhor afirma que os desvios são mais frequentes em sociedades pouco democráticas. Sendo assim, é possível prever comportamentos mais éticos a partir do maior acesso à informação e interconexão social por meio das redes digitais?

Leandro Karnal: Os seres humanos de uma ditadura ou de uma democracia são os mesmos. A ética não melhora notavelmente nas democracias, mas o controle sim. Em uma ditadura, os corruptos são condecorados se forem amigos do ditador e fuzilados se forem inimigos. Na democracia há maior transparência. É possível prever maiores controle social e transparência nas sociedades mais abertas.

EG: A chamada “pós-verdade” pode ser considerada uma infração no campo da ética e um sinal de possíveis distopias?

Leandro Karnal: Depende. Existe uma pós-verdade intencional: o governante espalha uma mentira. Nesse caso, é uma clara infração ética. Existe uma outra coisa que é um caldo cultural no qual os

critérios de validação da verdade (epistemologia) estão transformados. Acreditamos mais em lendas urbanas e dados da internet. Nesse caso, não é uma infração ética, mas uma ingenuidade filosófica e política.

EG: Em parte estimulada pela crise de confiança nas lideranças, a descrença na política e nos políticos constitui quais principais riscos para a democracia no século 21?

Leandro Karnal: Descrença na democracia gera ditadura. Imaginar que a má política é a única política possível leva à indiferença. A indiferença ajuda aos que desejam controlar pessoas. Esperança é fundamental para melhorar qualquer coisa.

EG: Como a sociedade pode agir para garantir uma relação mais íntegra e transparente entre os setores público e privado?

Leandro Karnal: Maior controle, maior transparência, medidas duras judiciais contra a corrupção, educação e leis, coerção e consenso. Sempre haverá desvios. Devemos garantir que eles sejam excepcionais e não sistêmicos.

EG: Empresas também são responsáveis pela disseminação de cultura, educação e comportamentos mais éticos na sociedade. O setor privado está cumprindo seu papel no Brasil ou há espaço para contribuir no combate à corrupção?

Leandro Karnal: Empresas também são e foram corruptoras. Temos discutido muito apenas a corrupção passiva e não a ativa. Quem corrompe o político, historicamente, é o empresário. Há políticos honestos

“A ética não melhora notavelmente nas democracias, mas o controle sim. Em uma ditadura, os corruptos são condecorados se forem amigos do ditador e fuzilados se forem inimigos.”



e há empresas honestas. Muitas empresas notaram que ética está hoje entre os elementos de sucesso e de valor agregado à marca. Ser honesto porque isso evita problemas é certo, porém, ser honesto também pode ser mais lucrativo do que ser desonesto.

EG: Se as atitudes cotidianas e individuais reverberam nas escolhas políticas, o que significa para uma nação sobreviver sob o signo do “jeitinho brasileiro” como virtude e/ou necessidade?

Leandro Karnal: O jeitinho tem raízes históricas, na relação com uma autoridade distante e corrupta, autoritária e pouco interessada no nosso progresso. Nessas condições, em terras vastas e pouco controladas da colônia, cresce uma relação específica com a lei. A partir daqui podemos reinventar a relação com a regra: a mais racional, clara e visando ao bem comum. Depois disso, implantada a regra democraticamente, é preciso vir a dureza na sua execução e a punição nas infrações. A regra deve ser voltada ao bem comum e não ao benefício de governantes. Autoridade é essencial; autoritarismo

é defeito. O jeitinho foi aprendido por imitação. Portanto, o caráter reto também pode ser aprendido por imitação.

EG: Além de corruptos, os políticos brasileiros mentem descaradamente, negando provas como gravações, fotos e vídeos. Por que aceitamos isso tão passivamente? Este fato está relacionado com o nosso nível de educação ou com a nossa cultura latina?

Leandro Karnal: Pelo mesmo motivo que quase todos nós também o fazemos. A mentira é uma maneira para evitar a punição. Acontece em todas as esferas de convivência, desde a família até no trânsito. Minto para preservar a mim e, por vezes, por bons motivos que invento, para preservar aos outros. Minto por causa do meu narciso sempre. Mentira é uma forma de mimar o narciso — e o pior é que algumas pessoas acreditam no que dizem. Os políticos nasceram do mesmo sistema. Como disse um autor ao pesquisar a vida dos presos no Carandiru, ele nunca encontrou um culpado na cadeia, todos foram injustamente encarcerados. Todas as vezes que retirei uma prova das mãos do aluno com uma cola material e evidente, sempre ouvi: “não professor, eu não estava colando!” Estou segurando a cola na frente dele e ele está negando. Uns até choram, dizendo que um colega invejoso colocou aquilo ali para incriminá-lo. É lícito supor que esta pessoa um dia se candidate. A questão é nossa relação com a verdade. O ideal é levar uma vida que não necessite da mentira como recurso. A mentira de um político é ainda mais grave, pois encobre um desvio que atinge a todos nós.

CONCLUSÕES DO CEG 2017



ACOMPANHE A SÍNTESE DOS PRINCIPAIS CONSENSOS DAS PALESTRAS, PAINÉIS E DEBATES DO CONGRESSO FNQ DE EXCELÊNCIA EM GESTÃO.

- Após um dia inteiro de palestras e debates sobre Governança, Ética e Transparência, o CEG 2017 proporcionou reflexões e algumas propostas para superar a crise no Brasil. Praticamente todos os participantes manifestaram a certeza de que as empresas, os empregos e o Brasil sairão mais fortes e sustentáveis deste momento que vivemos.
- Um dos consensos foi a necessidade de resgatar a confiança e buscar simplicidade na formulação de programas e políticas de *compliance* nas organizações públicas e privadas. Para isso, é necessário investir em regras claras, justas e de fácil entendimento para os públicos interessados. Quanto maior a burocracia, maiores são os riscos de baixa compreensão e efetividade.
- O movimento anticorrupção é global e se amplia na medida em que a sociedade tem maior acesso a meios de comunicação e informação, tradicionais ou digitais. O *compliance*, portanto, é o tema da década, motivado tanto pelo objetivo particular da autopreservação das organizações quanto pelo objetivo público do aprimoramento social.
- Estrutura legal e normativa dentro do estado de direito, transparência com dados abertos, ampliação da democracia, fortalecimento das instituições e envolvimento da população no controle social são condições primárias para a mitigação da corrupção no Brasil e no mundo. Em sociedades fechadas, pesquisas demonstram que a corrupção é sempre maior e mais estruturada.
- Nas empresas públicas, cresce a pressão social pela profissionalização da gestão. Não é mais possível submeter a administração pública às interferências político-partidárias. O modelo de gestão do setor privado, com práticas de governança, *compliance*, gestão de risco e cultura de integridade com busca de resultados, precisa ser adotado de forma ampla nas diversas instâncias.
- Nas organizações públicas e privadas, os programas de gestão de risco e controle têm de garantir integridade com geração de resultados. Não podem comprometer a continuidade do negócio ou dos serviços públicos.
- Empresas e lideranças precisam mostrar pelo exemplo quais são seus valores e práticas. A recomendação, portanto, é investir na comunicação clara com os públicos e no aprendizado constante. Canais de denúncias internas independentes e sem retaliações são uma das medidas mais indicadas pelos participantes.
- Processos de controle devem estar integrados à governança. Esta, por sua vez, necessita ser conduzida em forma de colegiado, para que um único indivíduo jamais consiga tomar decisões importantes sem consultar seus pares.
- Por fim, ética nas organizações não é mais questão filosófica, e sim item de sustentabilidade e sobrevivência. Sem ética, não há competitividade. Desvios comprometem a empresa, o trabalho, as pessoas e a imagem do País no mundo.